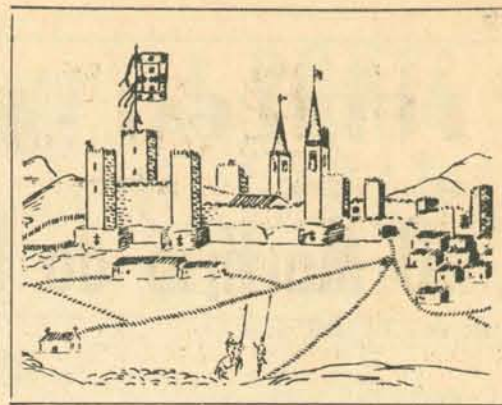


Correio de Misa

Jornal de Informação e Cultura

Director — ABEL MONTEIRO



REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DOS COMBATENTES DA G. GUERRA, N.º 1-B-1.º	Editor — ANTÓNIO CARMONA RIBEIRO PRÓPRIEDADE DA DIRECÇÃO	COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO OFICINAS GRÁFICAS DA TIPOGRAFIA MISENSE
---	---	---

Porque não vão à nossa África?...

O debate no Conselho de Segurança da O. N. U., em que o Ministro Franco Nogueira demonstrou à sociedade as nossas razões, os nossos direitos e a invalidade das acusações malévola e prosseguidas contra Portugal ultramarino — resultou, desta vez, num perfeito malogro, deixando de orelha murcha aqueles estados africanos que tanto parece empenharem-se — espantosa incongruência! — na comunização do continente negro.

De um lado, a abstenção da Grã-Bretanha, Estados Unidos, França e Holanda, que tornou praticamente estéril a moção votada, aliás após bastas emendas nos seus pontos "nevrálgicos", pensados e repensados na euforia da primitiva redacção; de outro lado, a exposição do Ministro português, ao documentar quanto se forja de outras bandas das fronteiras para ataques maquiavélicos aos nossos territórios: treino e terroristas, recepção de armas e munições provenientes do bloco e países comunistas ou comunizados, violações do espaço aéreo como na Guiné, etc., etc. — a verdade é que o ambiente do dito Conselho não foi de molde a outra *pedra negra* no jogo afro-asiático. Isto mesmo o confessaram os próprios africanos autores da moção, amargamente desiludidos com a atitude das três grandes potências.

Quanto ao resto, pouco se nos dá... A boicotagem económica não foi aceite. O embargo de fornecimento de armas a Portugal não pode ter qualquer utilidade para o inimigo, visto por mais de uma vez haveremos declarado que nos bastamos a nós mesmos. E no que respeita às acusações de "câmaras de torturas", preparativos

de genocídio, prisões em massa, e outras calúnias semelhantes, o Governo português está disposto a abrir as províncias africanas a observadores da O. N. U. bem como a encetar conversações directas com aqueles países honestamente interessados na nossa política ultramarina. Aliás, foi esta também a proposta do embaixador americano, Goldberg, a qual, claro, igualmente não foi aceite, porque eles próprios, os dos países afectos a Moscovo ou a Pequim, conhecem perfeitamente a sem razão das suas invectivas.

Ainda não há muito que, com o nosso consentimento, fomos visitados em África por alguns jornalistas russos. Pois é deles esta significativa confissão, agora expressa por outras palavras, mas que não lhe alteram o sentido: "virmos o que virmos, temos de ser pouco agradáveis" — quer dizer, parciais, suspeitos, camufladores... Triste sina a desta obediência à mentira! Compreende-se muito bem o que lhes sucederia, se na imprensa comunista contassem a verdade de Portugal!..

E' nestas águas que navegam aqueles estados africanos ajuramentados com as duas Cortinas. Estamos, porém, em crer num volta-face próximo. Apenas uma questão de tempo. Parafra-seando Churchill, é afinal a última batalha que conta...

Zuzarte de Mendonça Filho

Este número foi visado pela Censura

GIL VICENTE NUM RELÂMPAGO

(1465 (?) — 1965)
VI

Pelo Dr. Cruz Malpique

Gil Vicente não foi apenas o espírito satírico que se entreteve, ao longo da sua obra, a cauterizar podres, a chacotear presunções, a verberar pedantismos. Não foi apenas riso zombeteiro, dardo cruento, foi, também, fina sensibilidade lírica, despertada pelos aspectos mimosos do coração humano, pelas crenças ingénuas do povo e pelo bucolismo da paisagem.

x
x x
A obra de Gil Vicente é admirável repositório de informações etnográficas.

Para além do interesse social, psicológico, literário, filosófico, histórico, o teatro vicentino é miniferaçíssima no respeitante a anécdotas (autêntica feira de anexins...),

a superstições, a jogos, a trajes, a danças, a cantigas, a profissões.

Quanto a caracteres humanos, teria ali um biotipologista matéria abundante para se alegrar diante de uma longa teoria de figuras copiadas do natural, e, por isso mesmo, carregadas de humanidade: lá está presente o frade, que atrai com a austeridade da regra às ortigas; o clérigo mais mundano que asceta; o tolinho das pavoçadas risonhas; o rascão de carreira; o velho de amores tardios e, por isso mesmo, ludibriado; o fidalgo pobre mas presunçoso; o escudeiro no segredo das fraquezas do amo; o marido cômicamente enganado — os Peros Marques de todos os tempos e lu-

gares...; a alcoviteira, (« Brizada preciosa / Que dava as moças a molhos / A que criava as meninas / Pera os cônegos da Sé »); os físicos que preludiam já os médicos molliêrescos; os ciganos vadios, sem eira nem beira, nem folha de figueira...; os fantasistas sonhadores — estilo Mofina Mendes...

Gil Vicente é um mundo, sem sombra de paradoxo, nele está *Tudo o Mundo e... Ninguém.*

x
x x

Gil Vicente foi homem de cepa plebeia — um plebeu que caiu nas graças da Corte e que esta chamou a si, para a divertir, de quando em vez. Artífice e artista — fez a Cus-

(Continua na página 4)

NATAL! NATAL! NATAL!



Natal! Celebra-se em cada lar o alvorecer do maior sonho da Humanidade; sonho que se perpetuou no tempo e ainda é hoje a mais bela expressão da alma humana: a doutrina do Amor.

Natal! E nessa noite do sonho, nova e maior estrela irisava o céu; e de astro em astro os anjos entoavam o « In Excelsis Deo » maravilhoso da infinita bondade do Senhor.

Natal! E o mundo vivendo a presença diáfana desse sonho, em Belém nascido, pôde lançar à vastidão do espaço a eternidade do hino do Amor.

Natal! E vieram pastores, e vieram reis, ver a encarnação do sonho que assim se lhes dava, e, todos orando, bendissem Deus e a São José e à Virgem-Mãe e ao Deus Menino.

Natal! E em todo o mundo, pastores e reis, relembram o Deus Menino, e a Virgem-Mãe e a São José e bendizem Deus que lhes deu o sonho que se fez verdade.

Natal! Natal! Paz na Terra aos Homens de Boa Vontade e Glória a Deus nas Alturas.

Natal! Natal! Paz e Amor ao Mundo e Glória a Deus que nos deu o sonho que se fez verdade.

ANTÓNIO CLARO

Antero e o Problema Moral

Pelo Dr. Carlos Bento

Ao Dr. João Abrunhes — amigo, e confrade na anfictionia anteriana.

Se através da opulenta vida de Antero encontramos frequentemente atitudes morais bem explícitas que nos retratam, em tom claro e de traço firme, o nobre carácter deste homem, essa explicitação não aparece na sua obra, quer em verso quer em prosa. E todavia, uma forte intenção moral está implícita nessa obra, domina esse pensamento fragmentário e flutuante. Ao fo-

lhearmos todas as suas páginas, a fundamentação desse pensamento ético só nos surge levemente esboçada nos apontamentos dispersos e inacabados do "Ensaio sobre as bases filosóficas da moral ou filosofia da liberdade", porque de resto, o aspecto moral só figura como complemento, aliado a qualquer outro problema de interesse mais ou menos imediato.

Antero não foi um moralista no sentido missionário, de propor normas éticas surgidas duma necessidade para a conduta social, expostas pelo apostolado ou tentadas pelo proselitismo.

Preconizou uma moral da autonomia, de dentro para fora, que tinha a sua fonte na consciência e

(Continua na página 4)

PORTUGAL - BRASIL

O Martírio da Dúvida

por Reis Quita

Aquele gesto que em teus olhos via,
de amorosa piedade e doce agrado,
já não está naquele mesmo estado,
naquele puro extremo de algum dia.

Não sei que vejo em ti, que numa fria
incerteza desmaia o meu cuidado;
parece que em teu rosto retratado
vejo quanto receia a fantasia.

Não sei como cruel, menos amante,
se me afigura o teu rosto formoso,
que em mil receios ando vacilante.

O coração palpita duvidoso;
e só dizer-te sei que o teu semblante
não era assim, enquanto eu fui ditoso.

Estado das Culturas em 31 de Outubro

(Continuação do número anterior)

A produção vinícola foi bastante prejudicada pela chuva caída na época das vindimas. Com efeito, além dos transtornos causados aos trabalhos de colheita, registou-se um considerável abaixamento do teor sacarino dos mostos, de modo algum compensado pelo aumento de volume da produção, que será apenas cerca de 5% em relação ao mês anterior.

A colheita de frutos nos pomares ficou praticamente concluída, sendo de assinalar a abundância de maçãs produzidas no corrente ano. Os pomares de citrinos melhoraram o seu aspecto vegetativo, mas as previsões, no que diz respeito à produção, ficam à quem das registadas no ano passado. Em algumas regiões, principalmente no Sul, em consequência das condições climáticas favoráveis, registou-se um aumento de actividade de « Mosca do Mediterrâneo » (Ceratitis capitata, Wied), que tem dado origem a prejuízos de certa monta.

Nos soutos, a produção de castanha é relativamente abundante, embora os frutos geralmente não tenham chegado a atingir o seu desenvolvimento normal em virtude da prolongada seca registada nos meses anteriores.

As precipitações pluviométricas foram igualmente muito benéficas para os montados de azinho e sobreiro, que apresentavam anteriormente os sintomas resultantes do extremo estado de secura do solo. A produção apresenta-se um tanto irregular, especialmente a de bolota.

O estado do tempo foi favorável ao desenvolvimento das pastagens naturais e das culturas forrageiras, pelo que se atenuaram em parte as dificuldades de alimentação dos gados, sentidas anteriormente.

As feiras e mercados regionais, em geral, foram bem abastecidos com os produtos agrícolas próprios da época, mas a sua realização frequentemente foi prejudicada pelo estado do tempo. As transacções foram as normais desta altura do ano, não se tendo notado oscilações notáveis nos preços dos géneros agrícolas. No entanto, em face das fracas produções registadas, notou-se uma certa procura de milho e batata. As transacções de gado suíno foram afectadas em algumas regiões, onde o acesso às feiras esteve interdito em virtude dos surtos de peste africana. O gado bovino gordo para abate continuou a ter procura, o mesmo não sucedendo ao gado de recria.

Em consequência da multiplicidade dos trabalhos de campo próprios da época, a falta de mão-de-obra continuou a fazer sentir-se com certa acuidade, sobretudo nos dias em que o estado do tempo permitiu a execução daqueles em melhores condições.

(Boletim do I. N. E.)

Correio de Nisa

Anúncios:

Linha 2500 — Permanentes, contrato especial — Não se restituem originais — toda a colaboração é solicitada.

VERDADES DE SEMPRE

Mais quero pedir à minha peneira um pão apertado, que à minha vizinha emprestado.

650 CONTOS

Emprestam-se em fracções. Nesta Redacção se informa.

HISTÓRIAS GALANTES

deste nosso século

As Memórias de um Par de Pantufas

por António Bento

Finas, veludíneas, aristocráticas — éramos nós outrora, quando nos tempos em que, pastando na devesa, as vacas eram gordas e mansas. Agora... somos não mais que velhas e decrépitas sombras de um passado morto, imagens falsas de um fulgor extinto, murchas rosas sem perfume, cinzas, lágrimas, saudades.

Também outrora não nos calçava senão o querido pé reinante e, mais abaixo, o doce pé da fina flor palaciana, este, embora, por vezes dolorosamente inchado no adunco joanete, por via... ah!... do subtil, arrendado, vaporoso minuete, dançado à última vela do velho candelabro e ao som do dulcíssimo cravo, que mãos patricias e tontas de amor tangiam sempre. Agora... Ah!, agora até o grosso pé do empreiteiro nos calça, duro, desperfumado, vil, entorpecido!

Tristes vão ser as nossas memórias, amargamente tristes... Mas contamo-vos-las para que, apiedados, possam vir ainda até nós alguns dos serenos, calmos, fidalgos pés das remotas épocas, e, se mais não for, nos beijem o interior macio, nos bebam a fragrante espuma, nos tomem, lèvinho, as sereníssimas rendas, e nos soltem os diamantinos atilhos.

Ouvide-as, boas gentes, as memórias deste tão choroso e atribulado par de pantufas! Ouvide-as e chorai! E pasmai!

ONTEM

Lânguida a noite decorre. Dança-se o minuete mais uma vez, e, agora, ao som das ocarinas, — atrevida nova modalidade que D. Godofredo Pavon, de mistura com o último carregamento das mais raras e finas, e sedosas, e atrevidas, por indiscretas, rendas de Veneza, trouxe, Capitão, em seus navios "varre-mares". Os brocados roçagam pelo chão de verniz caro. As damas suspiram "ais", enquanto os Cavaleiros tossicam madrigais. Em um ou em outro mais discreto recanto, as espetadas bigodeiras destes fuzilam as suavíssimas epidermes daquelas, que, enxaquecadas, sacodem com a alvíssima cambraia dos minúsculos lenços as perturbantes palpitações.

Dança-se e dançar-se-á pela noite fora, até quando no céu surgirem os primeiros alvares da madrugada.

Hão-de as suspirosas damas render-se finalmente ante as temíveis arrancadas dos namorados Cavaleiros, e não-de, ao fim ainda, desfeitas as magistras quadrigas, e por entre o farfalhar das sedas e dos brocados, é do tilintar dos copos das doiradas duridanas, dirigir-se os pares à esplendorosa mesa de D. Godofredo (dança-se o minuete nos vastos salões do palácio de D. Godofredo), onde os espera

D'AQUEM TEJO

— No dia 12, na Sé Concatedral, sob a presidência de Sua Ex.^{ma} Rev.^{ma} o Senhor Bispo de Portalegre e Castelo Branco, realizou-se um solene "Te Deum" de acção de graças pelo regresso do ilustre purpurado que, em Roma, assistiu ao encerramento do Vaticano II. (*)

x

x x

— A cidade de Castelo Branco está comemorando a Semana Francesa. De entre os actos integrados em tal Semana destacamos: no dia 12, no Ginásio do Liceu, inaugurou-se uma exposição de 1000 livros franceses, a qual foi muito concorrida e teve a assistência das mais altas entidades civis, militares e religiosas; no dia 14 deu um recital de violino a distinta violinista Tomphieux e no dia 17 o adido cultural à Embaixada de França proferiu uma conferência sobre "La Poésie et les Poètes".

x

x x

— A Avenida Marechal Carmona e a Rua do Rei D. Dinis já se encontram feéricamente iluminadas como já de há anos é costume nesta Quadra do Natal.

x

x x

— Realizou-se no dia 18, no Quartel do B. C. 6, a cerimónia do Juramento de Bandeira dos Recrutados da 4.^a Incorporação do corrente ano.

x

x x

— No salão de vendas da Garagem de S. Cristóvão tem estado patente ao público uma exposição sobre

***** a mais rica, a mais incrível, a mais espantosa das ceatas. Há-de, entretanto, haver desmaios por parte das menos ou das mais apetrechadas das donzelas; e pipilantes beijos não-de soar à passagem por este ou por aquele, ou pelo mais recôndito dos desvãos do vasto salão. Cavaleiros brigões haverá que se lancem luvas, e amorosíssimas damas haverá também que quasi morrerão de amor... Hão-de... Há-de... Haverá... Mas tudo cairá no doce olvido quando, prestadas as devidas honras à voluptuosa, doirada e succulenta ceia, os capitosos vinhos de D. Godofredo Pavon, transformados agora no mais puro e azul das plásmas, percorrerem já as azulinhas veias dos nobres comensais.

E... assim foi, por Baco! — Senhor Deus-guarda das vinhas de D. Godofredo.

(Continua)

o Ultramar Português, da iniciativa do Comando da 2.^a Região Militar.

x

x x

(*) Antes da Missa solene, celebrada por Sua Excelência Rev.^{ma}, a assistência dialogou o coro "A Nossa Resposta ao Concílio..." da autoria do nosso Vigário Rev.^o Padre Alfredo Serra de Magalhães.

J. B.

AS FEIRAS DE UM

AVÔ

Por Aníbal Goulão

As feiras, seja qual fôr a localidade em que se realizem, têm sempre para os respectivos habitantes um atractivo especial.

E' sempre um dia diferente, por tradição, «um dia de feira», embora as feiras tenham sido bastante alteradas nos últimos anos. Actualmente, efectua-se em tão curtos espaços de tempo que lhes poderemos chamar ultra-rápidas, pois que não vão além de quatro a cinco horas, na duração. Os vários meios de transporte e outros cómodos criaram esta modalidade. Ainda não ha muitos anos, a maioria dos feirantes transportava-se em carroças e animais de sela, com os seus productos, destinados à venda. Os de mais longe chegavam na véspera à tarde; acomodavam os animais e as mercadorias, para terem a noite livre, o que fazia parte integrante da feira. Nessa noite, a música tocava no coreto e, à sua volta, a mocidade dançava. Os carrouséis com iluminação a cores eram mais um atractivo para as crianças e adultos, que estacionavam em redor desse espectáculo movimentado e alegre.

As casas de comidas e bebidas, nesse tempo permaneciam abertas toda a noite, assim como as barracas-botequins, em que era servido o prato tradicional: "carneiro guizado"; e, apesar das regras de higiene serem postas de parte, era sempre um manjar apetitoso. Lá, nessas tosecas barracas, encontravam-se velhos amigos que iam molhando a palavra, durante as suas intermináveis conversas. Por vezes surgia um tocador de harmónio, como que a desafiar uma voz que logo surgisse e se fizesse ouvir. Cantava-se o fado e dançava-se o

(Continua na página 3)

OS HUNOS em Bruxelas

Bandidos da pior espécie destruíram na capital da Bélgica o tradicional « Manneken Pis », universalmente conhecido, levando a parte do corpo que mais lhes interessou...

« Tant pis »!

Recordar é Viver

E' sempre grato recordar os bons tempos do passado. E' um verdadeiro traço de união entre o que se foi e o que decorre. Hoje, com as comodidades e hábitos, determinados pelo progresso, muito esquecidas andam certas práticas antigas, quase sempre nimbadas de tocante ingenuidade e que constituem a parte principal das festas de família.

Entre muitos dos costumes que a tradição nos legou figura um que ainda ha menos de meio século se praticava nas aldeias do nosso concelho, à semelhança das « janteiras ».

Logo que o Natal se aproximava, era escolhido pelos rapazes da Terra um grupo dos melhores cantores para, com o máximo respeito e devoção, irem cantar ao Menino Jesus.

Pedião então a mãe conhecida que lhe confiasse uma criança de peito; e esta, bem abafada no cueiro de castorina, devia nessa noite sacrossanta ser o Menino-Deus.

Dos rapazes, escolhido o mais efeminado, vestiam-no com a mais cerimoniosa indumentária de então: saia de pano preto e mantilha igual na cabeça. Representava a Virgem.

Um outro, envergando o tradicional gabão e com um comprido bordão, seria S. José.

Depois outros, de safões e pelico, bernal a tiracolo, seriam os pastores. E todos, na noite de Natal percorriam a aldeia dum extremo ao outro, visitando todas as casas, excluídas apenas aquelas onde havia luto recente.

Batiam às portas: truz, truz!.

Quem é?
— Menino Jesus de Nazaré!
— Quer que cantemos?
— Quero, sim, senhor!

As mulheres, tinham-se apressado o mais possível, para que à meia-noite tudo estivesse pronto; os garotos faziam esforços inauditos para afugentar o sono, e tudo isto para que não se perdesse o mais pequeno pormenor da cena que esperavam ansiosamente.

No momento próprio, tudo se calava, prestando-se a maior atenção ao ensaiador que, entretanto, junto com os presentes entoava:

O' meu Menino Jesus,
ó meu Menino tão belo,
onde vieste nascer,
no rigor do caramelo.

Nesta altura, entrava a « Sagrada Família ». « Nossa Senhora » dava o menino a beijar aos circunstantes. Então, todos se sentavam, cantando:

Entraí, pastores entraí
por esse portal sagrado,
vinde ver o Deus Menino
numas palhinhas deitado.

Em seguida, os pastores:

Numas palhinhas deitado,
está tão grande Senhor,
pois é ele o Rei dos Reis,
o imenso Criador.

Cada um se arrumava para onde podia; e começava a recitação dos versos tradicionais:

Nossa Senhora caminha,
caminha para Belém,
com seu Menino nos braços,
que lhe pede de comer.

— Não ha que comer, meu Filho,
não ha que comer, meu Bem.
Lá em cima, ha uma quinta;
que ricas maçãs lá tem.

Quinteiro que nessa assiste
cego é, sem nada vêr.

— dá-me uma maçã, quinteiro,
pró meu menino comer.

— Entre a Senhora cá dentro,
colha mil, quantas quizer.

A Senhora, muito humilde,
não colheu mais do que três.

Uma, deu-a ao Menino,
outra a deu a S. José,

outra ficou no regaço,
para a Senhora comer,

Menino que a maçã comia,
o cego se punha a ver.

— Quem te deu a vista, cego?
Quem te fez tão grande bem?

— A Virgem, Nossa Senhora,
e seu Filho também.

Acabado o canto, comiam filhós, oferecidas pelos da casa; e bebiam café, especialidade que durante o ano, só por aquela época se fazia. Tudo se divertia, mas com equilíbrio, pois era necessário manter a compostura, para se repetir a cena noutras casas.

Safam os do auto. Fechavam-se as portas. E fora, nas ruas, ouviam-se quadras:

Esta casa é bem alta,
é forrada de cortiça.
O' senhora que lá mora,
dê-nos uma linguiça.

Ou o toucinho é gordo
ou a faca não quer cortar,
ou o moço é preguiçoso,
não trata de se aviar.
ou é a ama manhosa,
que lhe diz: « Deixa-te estar ».

Com estas quadras e outras análogas, iam entrando e rindo...

« Truc, truc; esmola para o sacco; se não dá um vintém, dê mesmo um pataco ».

Lá entravam, no meio da maior confusão, alegria e recebiam o pouco ou muito que cada um tinha para lhes dar: chouriços, ovos, filhós, uvas, etc.

Tudo guardavam, saindo a cantar quadras, com que agradeciam as dádivas.

Entretanto, já os outros se tinham desprovido das improvisadas indumentárias. E, entregue a criança à mãe, todos iam comer e beber o que tinham apurado, até de manhã.

C. P.

HOSPITAL DA MISERICÓRDIA DE NISA
CONSULTA DE OTORRINOLARINGOLOGIA

(Ouidos, nariz e garganta)

Todas as 2.^{as} e 4.^{as} Quartas-feiras de cada mês, às 9,30 horas

Pelo: **Dr. José Joaquim Afonso**
de CASTELO BRANCO

As Feiras de um Avô

(Continuação da página 2)

fandango; e a barraca não comportava os assistentes e bailadores.

Rompia o dia. Os quinquilheiros davam as últimas marteladas, ajustando as tendas; e por toda a parte se expunham produtos diversos.

O sol vai alto. Já se faziam transacções. A feira tinha começado. Ha quem venha apenas para ver o espectáculo de luz e de côr. E' sem dúvida um quadro de constantes variedades; e a multidão movimentada-se em ritmo acelerado.

A feira está no auge. O ar que respiramos cheira a cozinhados e fritos de barraca. Aqui chora uma criança que recusa a objectiva dum fotógrafo « a la minuta »; ali, uma senhora idosa compra o quadro da Ceia de Cristo, em relevo metálico. Passam moças sorridentes, felizes, ajoujadas com utensílios diversos, que em breve irão compôr seus lares. No ar, baralham-se sons dos altifalantes, anunciando « o melhor producto, ao melhor preço ».

Avanço pela feira; e encontro-me na frente de charlatão que vende remédios milagrosos. Convence. Compram-lhe caixinhas de pomada para os calos. Por entre a multidão, passam animais de várias raças, conduzidos, orgulhosamente, pelos donos recentes. Mais além, homens ajoelhados, que escutam o som dos chocalhos. São pastores que os vão comprar para os seus rebanhos.

São horas de enfeitar. Na secção de calçado, aparecem agora muitos ciganos que vendem estes artefactos, de todos os modelos, até dos que já passaram de moda, que entregam por todo o preço. Compram sapatinhos para os netos, uns óculos e uma bengala.

Chegado a casa, as crianças, ingénuas e curiosas, como todas, ao verem os sapatos, pulam de alegria. Em seguida, mostro-lhes os óculos e a bengala. Não lhes despertam interesse algum. Mas o mais velho, reflectindo e compreendendo a significação dos objectos que a mim próprio destinei, exclama: Já estás muito velho, avô!

E um riso amarelo se me frizou nas faces, a confirmar uma verdade que tantas vezes nos custa a acreditar, mas que os anos, cruelmente, nos forçam a reconhecer.

E, enquanto lá fora o trânsito aumentava, no transporte de gentes e coisas aos seus destinos, e a feira prestes a terminar soltava os últimos ecos dum bulfício ensurdecedor, símbolo de mocidade e de vida, eu meditava na verdade do inocente: « Já estás muito velho, avô »!...

NA SENDA DO BEM

Destinados aos pobres protegidos pelo Jornal, recebemos do Sr. Tenente António Falcão, nosso prezado assinante a quantia de 50\$00. Já ha tempos, entregámos à Comissão das festas cem escudos, também oferta do mesmo Senhor, que assim prova não se esquecer « da boa gente de Nisa, humilde e trabalhadora », como ele próprio, e com justiça, a classifica. Muito reconhecidos.

LIRA POPULAR AS CINCO FONTES

O' Nisa, eu me estou lembrando das tuas ruas e montes. Versos que estou a escrever dedico-os às tuas fontes.

As cinco que aí existem por essas calmas estradas são velhas, mas bem prezadas pois alguém olha por elas. Que as reparem das mazelas que os tempos lhes vão dando. Das suas águas puríssimas, O' Nisa eu me estou lembrando.

Quem as quizer visitar, verá lindas raparigas, que nestas fontes antigas lá se vão dessedentar. A água deve provar destas tão saudosas fontes. O' Nisa, não mais me esqueço das tuas ruas e montes.

Todas elas são antigas, evocam tempos passados, encontros de namorados, que lá passam belos serões. Cai a água aos borbotões, para quem quizer beber. Ai, como levam saudades, versos que estou a escrever!

Bons tempos que já não voltam, quando eu ia namorar! Levavam serões a bailar rapazes e raparigas, ao som de lindas cantigas que ecoavam pelos montes. Nisa, os versos que escrever dedico-os às tuas fontes.

*

**

Na Fonte do Frade eu estive, até alta madrugada; e na Fonte da Aluada, na antiga Fonte da Pipa que em beleza se anticipa e a todos nós seduz, sem esquecer a Fonte Nova e a velha Fonte da Cruz.

Manuel Carita Pestana

"Pax in Terris"

No domingo, dia 12, passou a Nisa Sua Excelência Reverendíssima, o Senhor Bispo de Portalegre e Castelo Branco, vindo de Roma, do Concílio Ecuménico.

O povo da Vila, com muitas pessoas de representação, prestou-lhe quente homenagem, de bem patenteado carinho, por iniciativa do nosso Rev. Vigário Sr. Padre Lopo de Oliveira.

Cine-Teatro

Amanhã: «Búfalo Bill» — 12 anos.
Dia 26: «O Melhor dos Inimigos» — 12 anos —

« O Correio de Nisa »
vende-se no Tip. Nisense

A PONTE QUEBRADA (Conto do Natal)

— por Mário Lemos

A casa ficava a meia encosta da serra.

Para cima, o pinhal, entre cujas franças se divisavam as velas do moínho, lá no alto, em rotações serenas, como num adeus de lenço branco ao sol avermelhado que agonizava no poente.

Em baixo, o vale, salpicado de palheiros e casais distantes, alvejando por entre as oliveiras, verdadeiro tapete verde-negro, onde as ventanias do sul punham reflexos de prata velha, com as últimas fosforescências da tarde.

A quinta chegava até à estrada, antiga, pedregosa, cheia de lages soltas, talvez via romana milenária, onde nos invernos rigorosos as torrentes cantavam em estranha toada fúnebre.

A horta alargava-se em torno da moradia, com a sua nora mourisca e variadas árvores de fruto, numa terra negra, sempre fresca, humosa, em que em Maio se regavam favais e ervilheiras.

Havia flores nos alegretes do vasto terreiro, em frente da residência; e uma latada exuberante cobria de sombra e verdura a água do tanque, tranquila, depois das regas. Para o sul, a escada de pedra e os sotões dos cereais; para traz, ficavam os estábulos sob a larga varanda alpendrada. No primeiro andar, as salas, as alcovas e outras dependências próprias dum viver rústico, mas abastado.

Tudo aquilo tinha sido obra de

(Continua na página 4)

NOVO Colaborador

Inicia hoje a sua colaboração no nosso jornal o Sr. Zuzarte de Mendonça Filho, jornalista de elevado mérito.

A propósito, evocamos aqui uma noite inesquecível, por volta de 1927, no grande salão de festas do Club Setubalense, quando seu Pai, com monsenhor Nicotra, então Núncio Apostólico em Lisboa, e com o saudoso Dr. Manuel Gamito, Reitor do Liceu e nosso muito prezado Amigo, falou de S. Francisco de Assis.

Foi uma noite inolvidável, de Fé e de Amor Pátrio.

Manuel Gamito com a fluência da sua palavra quente, de católico sincero. Monsenhor Nicotra, erudito, com a musicalidade de uma linguagem, em francês, em que se adivinhava a sua pátria língua italiana, um éco da voz de S. Francisco de Assis. Zuzarte de Mendonça, arguto, profundo, combativo, inteligência viva, nas suas ternas expansões de crente.

Foram todos brilhantes. Foi uma noite que não mais esquece.

Agora, ao ilustre jornalista, que se dignou honrar as nossas colunas, daqui lhe enviamos muito saudar, desejando nós que ele volte, sempre que queira.

EDITAL

RECENSEAMENTO ELEITORAL

António Rosa Montalvo, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de NISA:

FAZ SABER, nos termos e para os efeitos do disposto no art.º 10.º da Lei n.º 2.015, de 28 de Maio de 1946, com a modificação operada pelo disposto no art.º 7.º da Lei n.º 2.100, de 29 de Agosto de 1959, que o período para inscrição no recenseamento dos eleitores da Assembleia Nacional, terá início no dia 2 de JANEIRO e terminará em 15 de MARÇO do próximo ano. Ao abrigo do disposto nos art.ºs 1.º e 2.º da citada Lei n.º 2.015:

SÃO ELEITORES:

1.º—Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever português;

2.º—Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados que, embora não saibam ler e escrever, paguem ao Estado e corpos administrativos quantia não inferior a 100\$00, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional e imposto sobre aplicação de capitais;

3.º—Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, com as seguintes habilitações mínimas:

a)—Curso geral dos liceus;
b)—Curso do magistério primário
c)—Curso das escolas superiores de Belas-Artes;
d)—Curso do Conservatório Nacional ou do Conservatório de Música do Porto;
e)—Curso dos institutos industriais e comerciais.

4.º—Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados que, sendo chefes de família, estejam nas demais condições fixadas nos n.ºs 1.º e 2.º;

Para efeito do disposto neste número, consideram-se chefes de família as mulheres viúvas, divorciadas, judicialmente separadas de pessoas e bens ou solteiras que vivam inteiramente sobre si.

5.º—Os cidadãos portugueses do sexo feminino que, sendo casados, saibam ler e escrever português e paguem de contribuição predial, por bens próprios ou comuns, quantia não inferior a 200\$00.

A prova de saber ler e escrever faz-se:

a)—Pela exibição de diploma de exame público feita perante a comissão que funcionará na sede da respectiva Junta de Freguesia;

b)—Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, com reconhecimento notarial da letra e assinatura;

c)—Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio perante a comissão referida na alínea a), desde que no mesmo requerimento assim seja atestado, com autenticação por meio de selo branco ou a tinta de óleo da Junta de Freguesia;

d)—Pela respectiva declaração nos mapas enviados pelas repartições ou serviços a que se refere o artigo 13.º da citada Lei 2.015.

A prova do pagamento referido nos n.ºs 2.º, 4.º e 5.º faz-se:

a)—Pela exibição, perante a comissão de freguesia, dos conhecimentos respectivos, cujos números ficarão anotados no verbete ou processo individual do eleitor;

b)—Pela inclusão no mapa enviado pelo chefe da repartição de finanças.

Ao marido se levarão em conta os impostos correspondentes aos bens da mulher, posto que entre eles não haja comunhão de bens, e aos pais os impostos correspondentes aos bens dos filhos menores a seu cargo.

A prova das habilitações referidas no n.º 3.º faz-se:

Pela exibição do diploma de curso, da certidão ou da pública forma respectiva, perante a comissão a que se refere a alínea a) do n.º 5, ou pela declaração respectiva nos mapas enviados pelas repartições ou serviços mencionados no artigo 13.º da dita Lei 2.015.

Não podem ser eleitores:

1.º—Os que não estejam no gozo dos seus direitos civis e políticos;

2.º—Os interditos por sentença com trânsito em julgado e os notoriamente reconhecidos como dementes, embora não estejam interditos por sentença;

3.º—Os falidos ou insolventes enquanto não forem reabilitados;

4.º—Os pronunciados definitivamente e os que tiverem sido condenados criminalmente por sentença com trânsito em julgado, enquanto não tiver sido espiada a pena e ainda que gozem de liberdade condicional;

5.º—Os indigentes e, especialmente, os que estejam internados em asilos de beneficência;

6.º—Os que tenham adquirido a nacionalidade portuguesa, por naturalização ou casamento, há menos de 5 anos;

7.º—Os que professem ideias contrárias à existência de Portugal como Estado independente e à disciplina social;

8.º—Os que notoriamente careçam de idoneidade moral;

Todos os cidadãos com direito a voto poderão requerer a sua inscrição, no recenseamento, ao presidente da comissão recenseadora, por intermédio da comissão de freguesia da sua residência. Do requerimento, escrito pelo interessado, ou a seu rogo, no caso de não saber escrever, deverá constar o nome completo, estado, profissão e habilitações literárias, data do nascimento, filiação, naturalidade e residência, com indicação dos requisitos legais que lhe conferem a capacidade de eleitor.

Para constar se publica o presente edital e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo e publicados nos jornais deste concelho.

Paços do Concelho, 20 de Dezembro de 1965

O Chefe da Secretaria: ANTONIO ROSA MONTALVO

Publicações

Recebemos mais um número da «Revista Alentejana», órgão e propriedade da Casa do Alentejo, de que é Director o Sr. Dr. Victor Santos e Chefe da Redacção o Sr. Fausto Gonçalves. Dedicados artigos a E'vora e Castelo de Vide. Edição profusamente ilustrada.

Correio de Nisa

Devido a falta de espaço, ficam por publicar alguns artigos, que sairão no próximo número.

Noite de Teatro

No dia 30, o Rancho Típico das Cantarinhas de Nisa, dirigido pelo Sr. Rodrigues Correia, apresenta mais um espectáculo a favor do Hospital. Sobem à cena o drama em dois actos «Milagre do Pescador» e a hilariante comédia «Não Quere... Mais Nada?».

QUEM CANTA

Meninas, ride e cantai, guardando o que vosso é; às que não riem nem cantam também escorrega o pé...

Antero e o Problema Moral

(Continuação da página 1)

que consistia no aperfeiçoamento interior e individual. E esse drama de renúncia desenrolava-se na consciência e pela consciência, tendo como agente o esforço pessoal, de iniciativa livre, para se atingir a fase mais elevada que permitisse a afirmação plena do Eu, da personalidade.

Admitindo uma hierarquia de valores, Antero não coloca como ponto de partida a antinomia Bem e Mal; supera essa clássica oposição, para apontar o Bem como fim único onde se realiza a personalidade humana, e resultado do auto-aperfeiçoamento. O Bem reside no espírito, na consciência moral, que é julgadora, e a procura do Bem implica a sua crença.

E Antero escreve: "Achei-me indigno do Bem ao ver que não tinha no espírito a força de crer nele..." e "sei hoje que a verdade, a justiça, o belo não existem realmente e dum modo completo, senão no espírito do homem".

A moral era uma aspiração interior, brotada no seio da própria consciência:

"Aspirações... desejo aberto todo N'uma ânsia insofrida e misteriosa... A isto chamo eu vida..."

Uma aspiração que se consubstancia pelo auto-esforço, que tende para o amor, o primeiro princípio ético:

"Porque o vento sabe-o bem, é prêgador
Que através das soidões vai missionando
A eterna lei do universal Amor."

E a aspiração dirige-se para a Liberdade.

"O universo aspira com efeito à liberdade, mas só no espírito humano se realiza", logo "O progresso da humanidade é pois essencialmente um facto de ordem moral"; e "só é verdadeiramente livre aquele que sabe limitar voluntariamente a própria liberdade. A liberdade é um ideal, que, como todos os ideais, precisa ser corrigido pela realidade e pelo sentimento moral, que só na realidade tem a sua pedra de toque".

Assim, para se afirmar uma aspiração, para torná-la consciente — e é isso o que importa — é necessário um esforço próprio, pessoal, livre, um esforço que desperte energias, que dependa da vontade e é precisamente nesse esforço que reside o acto moral para Antero, o esforço consciente que elimina todas as limitações e imperfeições do Eu, para conseguir a perfeição interior.

Não há portanto normas rígidas, princípios dogmáticos a seguir, uma lei a cumprir que seja válida para todos. "A lei moral, criada pelo espírito para si mesmo, ou melhor, expressão da unidade final realizada pelo espírito em si mesmo, da inteira compenetração da vontade com o seu ideal, é lei perfeita de liberdade, porque o próprio dever, à medida que a sua ideia se aprofunda, perde gradualmente o rígido carácter de obrigação, que lhe dava não sei que longes de fatalidade e transforma-se em atracção pura, puro amor".

O ser humano atinge a perfeição pela entrega voluntária e livre

a qualquer coisa que é justo, por uma dádiva do indivíduo aos outros, "para conseguir o próprio bem, tem de se fazer como que o instrumento do bem universal". Renunciar ao egoísmo, ao particularismo, para se garantir a existência do mundo moral, isto é, o auto-esforço para o aperfeiçoamento que fornece à vida um sentido humano, pois "o drama do ser termina na libertação final pelo Bem".

Daqui resulta a luta que se travou no espírito de Antero, entre a sua inteligência e o seu temperamento, as duas coordenadas que limitam a sua evolução espiritual, desde quando procura um apoio filosófico em Hegel e uma razão ético-social em Proudhon, predominando então aquilo a que António Sérgio apelida de fase apolínea, até ao período nocturno, quando Hartman e Shopenhauer são os seus filósofos predilectos.

Mas para além dessas influências, de certo modo poderosas na sua evolução espiritual, está o próprio homem a debater-se consigo próprio, o homem "que não teve cargos públicos, honras oficiais, que só pelo pensamento viveu, procurando realizar uma só obra: o aperfeiçoamento da sua alma e a elevação do seu carácter" — como escreveu Fidelino de Figueiredo —, o homem que faz da sua vida o mais nobre dos combates: apresentar à sua consciência julgadora e aos homens que ele nunca esqueceu, uma razão por ter vivido.

E não pediu contas à História, nem um salvo conduto à sociedade a quem dera o melhor do seu esforço. Quiz ser um homem livre até ao fim, através a longa e dolorosa caminhada, tantas vezes inglória e angustiosa, da sua libertação. Apenas se colocou perante a sua Consciência para obter dela a certeza, que fora a sua máxima preocupação: ser um Homem, mais que um escritor; afirmar-se, no seu mundo psíquico e na realidade, uma personalidade moral.

Ele próprio escreveu: "O fim do homem é ser Homem", para depois perguntar: — "Viver! Ser homem! Que mais alta ambição pode um coração humano conceber?"

« SIC ITUR AD ASTRA »

Conforme tínhamos anunciado, realizou-se na passada terça-feira, no Cine-Teatro, um espectáculo a favor da Igreja e do Hospital da Misericórdia. Foi representada a peça em dois actos «O Barão de Marvila», da autoria de Artur Horta, por «Um Grupo de Jovens de Boa Vontade».

Os actores foram muito aplaudidos, bem como «Os Atlas», de Portalegre, que colaboraram na segunda parte.

Uma noite de bondade e beleza, altamente construtiva, para os homens e para Deus.

EFEMÉRIDES

A 24 de Dezembro de 1900, morre Luciano Cordeiro, historiador, geógrafo, jornalista e político, secretário perpétuo da Sociedade de Geografia.

Gil Vicente num Relâmpago

(Continuação da página 1)

tódia de Belém. Vendo as peças de Encina, poderia ter dito, na toada eufórica de quem descobre virtualidades latentes: «anch'io sono pittore. Pittore, não: autore. Também eu me sinto autor. E actor. Vou tentar pôr em prática os meus talentos de autor e de actor, porque pressinto que os possuo».

Seu dito, seu feito. Experimentou-se. Agradou aos seus Mecenas. Foi homem lançado para a frente e não à margem. *Enfant gaté* da Corte.

Que Gil Vicente veio do povo e teve o povo permanentemente à vista e em espírito, ressalta isso, com toda a clareza, do transcurso do seu teatro. Do povo, ele sabe tudo — credices, costumes, língua, psicologia. Sabe do que está escrevendo e escreve do que sabe. O povo não lhe fica curto nas mangas. Respira e transpira povo. Os seus rústicos não são fabricados em louça das Caldas... São psicologia viva. Viva e não fabricada. Antes copiada flagrantemente do natural.

Se, em vez de ser o que realmente foi — humano — fosse humanista, Gil Vicente ter-nos-ia deixado figuras artificiais, fictícias, vindas ao mundo já com certificado de morte. Providencialmente, o que lhe faltou em letras antigas sobrou-lhe em auto e hetero-observação. A realidade humana — a individual e a colectiva — não a olhou na atitude do cão de loiça, mas com olhos bem despertados, sem intermediários, e daí a sua perenidade.

A Ponte Quebrada

(Continuação da página 3)

antepassado distante, quando ele, jogando a liberdade e a vida, se aventurava a levar no seu burrinho, por entre vales e montes, os víveres necessários às tropas que combatiam os franceses de Junot. Era tarefa bem difícil, porque, de um momento para o outro, bem podia ser descoberto pelos intrusos e cair, varado das balas ou esquarterado pelas baionetas, atirado com o jumento para os barrancos que se cavavam penhascosos nas vertentes das serranias, lá muito longe.

Mas Deus sempre estivera com ele; e no seu peito de homem crença e pacífico sempre batera alvoraçado um coração português.

E foi assim que logrou endireitar a vida, juntando dinheiro para a compra daquela propriedade que pertencera a uns velhos fidalgos arruinados, sempre metidos lá para essa Lisboa, onde se gastam riquezas sem conto.

O homem morrera há muitos anos, já na casa dos noventa; e as gerações sucederam-se, passando de pais a filhos a mimosa Quinta da Serra, como era conhecida do povo e como figurava inscrita na matriz predial.

(Continua no próximo número)